AGTU – THE GLOBAL UNIVERSITY

A RELAÇÃO ENTRE EMOÇÕES E APRENDIZAGEM: COMO O ESTADO EMOCIONAL DO ALUNO INFLUENCIA A SUA CAPACIDADE DE APRENDER

AUTOR: ROBERTA MESSIAS COSTA

1. Introdução

O campo emocional permeia a vida do ser humano em distintos aspectos, desempenhando uma função fundamental no seu desenvolvimento e em suas relações sociais. Discute-se muito sobre o papel das emoções na educação, pois se sabe da sua importância nos processos de aprendizagem. Um ambiente de ensino que favorece a relação dialética entre cognição e afeto faz todo um diferencial na vida de seus educandos.

A aprendizagem é um processo que transcende a simples assimilação de conteúdos cognitivos, envolvendo também aspectos emocionais que desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento. A compreensão do impacto das emoções no processo de aprendizagem tem sido uma área de crescente interesse na psicologia cognitiva e na educação, especialmente nas últimas décadas. O reconhecimento de que as emoções influenciam diretamente a aprendizagem tem levado a uma reavaliação das práticas pedagógicas, evidenciando que a relação entre as dimensões emocionais e cognitivas dos alunos é mais complexa do que se imaginava anteriormente. Este fenômeno, longe de ser um subproduto do aprendizado, configura-se como um componente efetivo para o desempenho acadêmico, a retenção de informações e a motivação dos estudantes.

Estudos realizados dentro do campo da psicologia cognitiva e da neurociência educacional demonstram que as emoções desempenham um papel categórico em processos cognitivos centrais, como a atenção, a memória e a motivação. O modelo de processamento de informações, que postula a aquisição e o processamento de dados pelo cérebro, e teorias mais contemporâneas, que reconhecem a interação entre fatores emocionais e cognitivos, evidenciam que as emoções influenciam diretamente esses processos. Pesquisas ressaltam a importância da conexão entre o sistema límbico, responsável pela regulação emocional, e as áreas cognitivas do cérebro, evidenciando como a ativação emocional pode alterar a capacidade de processamento de informações e impactar, assim, a retenção do conhecimento.

A influência das emoções na aprendizagem pode ser observada de maneira particularmente evidente no papel da atenção. Quando os alunos experienciam emoções positivas como curiosidade e interesse, sua atenção é direcionada de maneira mais eficaz para os estímulos relevantes para o aprendizado, o que favorece a assimilação de novas informações. Por outro lado, emoções negativas, como ansiedade, medo ou estresse, podem prejudicar o foco dos alunos ao desviar recursos cognitivos para preocupações relacionadas ao bem-estar emocional.

Outro aspecto relevante é o impacto das emoções na memória. A pesquisa sobre memória emocional indica que eventos emocionalmente carregados são mais facilmente lembrados e retidos do que eventos neutros. Esse fenômeno ocorre porque as experiências emocionais ativam áreas do cérebro associadas à codificação e consolidação de memórias, como a amígdala. O fortalecimento das memórias associadas a conteúdos emocionais, por sua vez, pode influenciar a forma como os alunos interagem com novos conhecimentos e sua disposição para aprender. Diante disso, estratégias pedagógicas que considerem as emoções dos alunos tornam-se essenciais, pois podem potencializar a retenção de

informações e contribuir para uma aprendizagem mais eficaz a longo prazo.

Além do impacto na atenção e na memória, as emoções também desempenham um papel central na motivação. A motivação, especialmente a motivação intrínseca, está intimamente ligada a estados emocionais positivos, como prazer, realização e satisfação. A compreensão de como as emoções e a motivação se inter-relacionam pode ser aplicada em práticas pedagógicas construtivistas, como as propostas por Piaget e Vygotsky, que veem a aprendizagem como um processo ativo de construção do conhecimento. Dentro dessa perspectiva, a regulação emocional é vista como um facilitador do aprendizado, pois cria um ambiente no qual os alunos se sentem seguros para explorar novas ideias e desafios. Ao proporcionar um clima emocionalmente positivo, em que os alunos se sintam valorizados e apoiados, os educadores podem estimular a motivação intrínseca dos alunos, permitindo que estes se engajem de maneira mais profunda nas atividades propostas, mesmo quando estas exigem esforço cognitivo.

A criação de um ambiente seguro e de apoio também é decisivo para o sucesso emocional dos alunos. Quando os alunos se sentem acolhidos e compreendidos, sua disposição para aprender e se engajar nas atividades escolares aumenta consideravelmente. O fortalecimento da comunicação entre professores e alunos, a promoção de um clima de respeito e colaboração, e o reconhecimento das conquistas individuais são estratégias que favorecem o bem-estar emocional e, consequentemente, a aprendizagem.

Em breve síntese, as emoções desempenham um papel fundamental na aprendizagem, influenciando diretamente a atenção, a memória e a motivação dos alunos. A compreensão dessa interação entre as dimensões emocionais e cognitivas oferece subsídios para a adoção de práticas pedagógicas mais eficazes, que considerem as necessidades emocionais dos alunos como parte integrante do processo educativo. Ao integrar estratégias de gestão emocional, como o fomento à inteligência emocional, a

criação de um ambiente de apoio e a aplicação de metodologias ativas, os educadores podem criar condições mais favoráveis para a aprendizagem e para o desenvolvimento integral dos alunos.

2. Emoções

A emoção é um fenômeno heterogêneo que tem sido estudado sob diversas perspectivas, como a psicológica, biológica, filosófica e sociocultural. Embora seja um conceito amplamente discutido, sua definição e compreensão variam conforme a abordagem adotada. Este breve estudo busca explorar o conceito de emoção de forma integrada, analisando criticamente as principais teorias e abordagens, discutindo seu impacto no comportamento dos alunos, na tomada de decisões e nas interações sociais, e refletindo sobre seu papel em contextos contemporâneos.

Nos estudos da psicologia, as emoções são frequentemente entendidas como respostas a estímulos internos ou externos, envolvendo componentes fisiológicos, cognitivos e comportamentais. Roazzi (2011), destacam que as emoções são processos dinâmicos que organizam a experiência humana, influenciando a percepção, a memória e a tomada de decisões. A teoria de James-Lange, por exemplo, propõe que as emoções são resultantes de respostas fisiológicas a estímulos, enquanto a teoria de Cannon-Bard sugere que as emoções e as respostas fisiológicas ocorrem simultaneamente. Já a teoria cognitiva de Schachter e Singer enfatiza o papel da interpretação cognitiva na experiência emocional. No entanto, essas teorias são frequentemente criticadas por simplificarem a complexidade das emoções, focando em aspectos isolados e negligenciando a interação entre eles. Além disso, muitas abordagens psicológicas são baseadas em estudos ocidentais, o que limita sua aplicabilidade em contextos culturais diversos. A pesquisa de Sisto

(2004) sobre traços de personalidade e emoções em crianças revela que fatores culturais e sociais influenciam significativamente a expressão e a regulação emocional, sugerindo a necessidade de uma abordagem mais integrada e intercultural.

Do ponto de vista biológico, as emoções são vistas como mecanismos adaptativos que evoluíram para promover a sobrevivência e a reprodução. Damásio (2012), em "O Erro de Descartes", argumenta que as emoções são fundamentais para a tomada de decisões racionais, pois fornecem um sistema de avaliação rápida e eficiente. Segundo ele, o cérebro humano integra informações emocionais e racionais, e a ausência de emoções pode levar a decisões desastrosas, como evidenciado em pacientes com lesões no córtex pré-frontal. No entanto, a abordagem biológica é frequentemente criticada por seu reducionismo, ao tratar as emoções como meros produtos de processos neuroquímicos. Embora avanços na neurociência tenham elucidado mecanismos cerebrais associados às emoções, como a ativação da amígdala em situações de medo, essa perspectiva não explica plenamente a riqueza e a variabilidade das experiências emocionais humanas. Além disso, a ênfase excessiva nos aspectos biológicos pode negligenciar o papel do ambiente e da cultura na formação das emoções.

Filosoficamente, as emoções têm sido objeto de debate desde a Grécia Antiga. Enquanto Platão e Aristóteles viam as emoções como forças que precisavam ser controladas pela razão, filósofos modernos como Kant, discutido por Borges (2012), argumentam que as emoções e a razão são complementares, desempenhando papéis distintos na moralidade e na ação humana. Para Kant, a razão fornece os princípios universais, enquanto as emoções motivam a ação. No entanto, a perspectiva filosófica é frequentemente criticada por ser abstrata e desconectada das realidades empíricas. Além disso, muitas teorias filosóficas são baseadas em pressupostos dualistas, como a separação entre mente e corpo, que têm sido questionados por abordagens contemporâneas mais

integrativas. Apesar disso, a filosofia continua a oferecer percepções valiosas sobre a natureza e o significado das emoções, especialmente em relação à ética e à estética.

A sociologia e a antropologia destacam o papel da cultura na formação e expressão das emoções. Galvão (2001) argumenta que as emoções são construídas socialmente, variando conforme as normas, valores e práticas culturais. Por exemplo, enquanto algumas culturas valorizam a expressão aberta de emoções, outras incentivam a contenção e o controle emocional. Almeida (2022), em seu estudo sobre a emoção na sala de aula, demonstra como o contexto social influencia a experiência emocional de alunos e professores. No entanto, essa abordagem pode subestimar a universalidade de certas emoções básicas, como alegria, tristeza e raiva, que parecem transcender culturas. Apesar dessa limitação, a perspectiva sociocultural é essencial para compreender a diversidade das experiências emocionais e para desafiar visões etnocêntricas sobre as emoções.

As emoções desempenham um papel central no comportamento humano, influenciando desde decisões cotidianas até interações sociais complexas. Perghér (2006), destacam a relação entre memória, humor e emoção, mostrando como estados emocionais afetam a recuperação de informações e a formação de memórias. Em contextos sociais, as emoções funcionam como sinais que facilitam a comunicação e a coesão grupal. Por exemplo, a expressão de empatia pode fortalecer laços interpessoais, enquanto a raiva pode sinalizar conflitos que precisam ser resolvidos. No entanto, as emoções também podem levar a comportamentos impulsivos e irracionais, como evidenciado em situações de estresse ou conflito. A regulação emocional, portanto, é uma habilidade crucial para o funcionamento social e individual.

No contexto contemporâneo, as emoções ganharam nova relevância com o advento da era digital e da inteligência artificial (IA). Plataformas digitais, como redes sociais, manipulam emoções para engajar usuários, muitas vezes exacerbando

sentimentos como ansiedade e raiva. Além disso, a IA tem buscado replicar emoções humanas, seja para melhorar a interação homem-máquina, seja para desenvolver sistemas capazes de reconhecer e responder a estados emocionais. Esses avanços levantam questões éticas e filosóficas. Por exemplo, até que ponto máquinas podem realmente "experienciar" emoções? E como garantir que o uso de tecnologias emocionais não viole a privacidade ou manipule os usuários? Esses desafios exigem uma reflexão crítica sobre o papel das emoções na sociedade tecnológica.

O estudo das emoções está longe de ser esgotado. Uma proposta inovadora seria integrar abordagens multidisciplinares, combinando percepções da psicologia, biologia, filosofia e sociologia para desenvolver uma teoria unificada das emoções. Além disso, pesquisas futuras poderiam explorar o impacto das tecnologias emergentes, como a realidade virtual e a neurociência computacional, na compreensão e manipulação das emoções. Assim, as emoções são uma janela para a complexidade da experiência humana. Compreendê-las em toda sua riqueza e diversidade não apenas enriquece nosso conhecimento científico, mas também nos ajuda a viver de forma mais autêntica e significativa.

3. Definição de emoções e sua relação com os processos cognitivos.

As emoções podem ser compreendidas como respostas psicofisiológicas a estímulos internos ou externos, sendo caracterizadas por componentes subjetivos, fisiológicos e comportamentais. Elas desempenham um papel indispensável na regulação dos processos cognitivos, como atenção, memória e tomada de decisões (Damasio, 2012). Para Damasio, as emoções não apenas influenciam o comportamento humano, mas são essenciais para a racionalidade, funcionando como um sistema de sinalização que

orienta as escolhas e as reações em contextos diversos.

No cenário educacional, as emoções têm um impacto profundo na maneira como os alunos processam, retêm e aplicam o conhecimento. Emoções positivas, como curiosidade, entusiasmo e interesse, têm o potencial de ampliar o foco de atenção, facilitando a codificação de novas informações na memória e promovendo uma aprendizagem mais eficaz. Essas emoções podem, portanto, atuar como "facilitadoras cognitivas", criando um ambiente propício para o engajamento e a assimilação de novos conteúdos.

Por outro lado, emoções negativas, como ansiedade, estresse e frustração, podem reduzir a capacidade de concentração e restringir a atenção, prejudicando tanto a aprendizagem quanto a consolidação de memórias (Pekrun, 2006). Tais emoções podem gerar um ciclo vicioso, onde a dificuldade em aprender e o fracasso escolar alimentam um estado emocional negativo contínuo, dificultando ainda mais o desempenho acadêmico.

No entanto, embora seja amplamente reconhecido que as emoções influenciam o processo de aprendizagem, a maneira como isso ocorre ainda carece de maior aprofundamento. O estudo das emoções no contexto educacional não pode ser visto apenas sob a ótica da adversidade (emoções negativas que prejudicam a aprendizagem), mas também deve incluir uma análise crítica das possibilidades de integração das emoções positivas no currículo escolar, potencializando o desenvolvimento de competências emocionais e cognitivas dos alunos.

Ainda, a educação emocional não deve ser considerada como um mero aditivo, mas sim como uma abordagem integral e contínua dentro da formação escolar. É preciso questionar até que ponto as práticas pedagógicas tradicionais, muitas vezes centradas em processos cognitivos exclusivamente racionais, ainda conseguem dar conta da complexidade das interações emocionais no ambiente escolar. Em muitas situações, a falta

de espaço para a expressão e o manejo das emoções nas escolas pode agravar o cenário de aprendizagem, principalmente em contextos mais desafiadores, como as escolas públicas ou áreas com maior vulnerabilidade social.

Logo, as emoções desempenham um papel imprescindível não só na regulação do comportamento humano, mas também na facilitação e obstaculização dos processos de aprendizagem. Portanto, é necessário um olhar mais atento e estratégico para o seu papel nas práticas pedagógicas, tanto na promoção de um ambiente escolar saudável quanto na implementação de métodos de ensino mais inclusivos e eficazes.

4. Mecanismos cerebrais subjacentes ao processamento emocional e cognitivo.

A neurociência, enquanto campo interdisciplinar dedicado ao estudo do sistema nervoso e suas funções, tem fornecido contribuições significativas para a compreensão do estado emocional do aluno e sua relação intrínseca com a capacidade de aprender e reter informações. Ao investigar os mecanismos cerebrais subjacentes ao processamento emocional e cognitivo, a neurociência revela que as emoções não são meramente fenômenos subjetivos, mas desempenham um papel fundamental na modulação de processos como atenção, memória e motivação, elementos essenciais para uma aprendizagem eficaz (Cosenza; Guerra, 2009). No entanto, é necessário adotar uma perspectiva crítica ao analisar como esses insights são aplicados no contexto educacional, considerando as limitações e os desafios inerentes à transposição de conhecimentos neurocientíficos para práticas pedagógicas (Relvas, 2023).

O cérebro humano, em sua complexidade, é composto por uma rede de regiões interconectadas que atuam de forma integrada durante o processo de aprendizagem. O

sistema límbico, responsável pelo processamento das emoções, e o córtex pré-frontal, que regula funções executivas como atenção, planejamento e tomada de decisões, são áreas-chave nesse processo (Lundy-Ekman, 2011). A amígdala, estrutura localizada no sistema límbico, atua como um "detector de relevância emocional", avaliando a significância das informações recebidas. Quando uma experiência é carregada emocionalmente, a amígdala sinaliza ao hipocampo, região decisiva para a formação de memórias, para priorizar o armazenamento dessa informação. Esse mecanismo explica por que eventos emocionalmente marcantes tendem a ser mais facilmente recordados (Kandel et al., 2014). No entanto, essa relação entre emoção e memória não é linear, e a intensidade emocional excessiva, seja positiva ou negativa, pode sobrecarregar o sistema cognitivo, prejudicando o processamento eficiente de informações (Costa, 2023).

A influência das emoções no aprendizado é um fenômeno multifacetado. Emoções positivas, como curiosidade, interesse e satisfação, tendem a ampliar a capacidade de atenção e facilitar a formação de conexões neurais, promovendo um estado de engajamento cognitivo. Por outro lado, emoções negativas, como ansiedade, medo ou frustração, podem ativar a resposta de "luta ou fuga", desviando recursos cognitivos para lidar com a ameaça percebida e comprometendo a capacidade de concentração e memorização (Cosenza; Guerra, 2009). A neurociência também destaca o papel de neurotransmissores como a dopamina e a serotonina na regulação do humor e da motivação. A dopamina, em particular, está associada ao sistema de recompensa do cérebro, sendo liberada em situações que geram prazer ou satisfação, o que facilita a consolidação de memórias e a manutenção do foco (Kandel et al., 2014). Em contraste, níveis elevados de cortisol, hormônio liberado em resposta ao estresse, podem prejudicar a função do hipocampo, dificultando a aprendizagem e a retenção de informações (Lundy-Ekman, 2011).

Apesar desses avanços, é imperativo adotar uma postura crítica em relação à

aplicação dos conhecimentos neurocientíficos na educação. A transposição de conceitos complexos, como a plasticidade neural ou a regulação emocional, para práticas pedagógicas nem sempre é direta ou isenta de equívocos. Um dos riscos é a simplificação excessiva de teorias neurocientíficas, levando à adoção de "neuromitos" — ideias distorcidas ou mal interpretadas sobre o funcionamento do cérebro. Por exemplo, a noção de que os alunos possuem "estilos de aprendizagem" fixos (visual, auditivo ou cinestésico) tem sido amplamente difundida, embora não haja evidências científicas robustas que sustentem essa afirmação (Relvas, 2023). Além disso, a ênfase excessiva em intervenções baseadas em neurociência pode desviar a atenção de outros fatores igualmente importantes, como as condições socioeconômicas dos alunos, a qualidade do ambiente escolar e a formação dos professores (Costa, 2023).

No entanto, quando aplicados de forma crítica e contextualizada, os insights da neurociência podem oferecer ferramentas valiosas para a criação de ambientes de aprendizagem mais eficazes e humanizados. A criação de um ambiente emocionalmente seguro, por exemplo, é fundamental para reduzir fatores de estresse que podem prejudicar o desempenho dos alunos (Lundy-Ekman, 2011). Estratégias como o uso de estímulos emocionais positivos, como histórias, jogos e atividades interativas, podem aumentar a liberação de dopamina e melhorar a retenção de informações (Kandel et al., 2014). Além disso, a personalização do ensino, que reconhece as diferenças individuais no perfil emocional e cognitivo dos alunos, pode promover um aprendizado mais inclusivo e equitativo. O feedback construtivo e encorajador também desempenha um papel decisivo, já que ativa o sistema de recompensa do cérebro, reforçando comportamentos desejados e aumentando a motivação intrínseca (Cosenza; Guerra, 2009).

Em síntese, a neurociência oferece uma base sólida para compreender como o estado emocional dos alunos influencia sua capacidade de aprender e reter informações. No entanto,

é essencial adotar uma abordagem crítica e reflexiva ao aplicar esses conhecimentos no contexto educacional, evitando simplificações e neuromitos (Relvas, 2023). A integração das percepções da neurociência com outras perspectivas pedagógicas e sociais pode contribuir para a criação de ambientes de aprendizagem que não apenas transmitem conhecimento, mas também promovem o desenvolvimento integral dos estudantes. Em um mundo onde a educação enfrenta desafios cada vez mais complexos, a neurociência, quando utilizada de forma responsável e contextualizada, pode ser uma aliada poderosa na transformação das práticas educacionais (Costa, 2023).

5. Relato de experiência

Este relato de experiência tem como finalidade apresentar uma experiência de atividade voltada para o desenvolvimento emocional da turma do 5º ano A, do Ensino Fundamental, numa Escola Municipal, localizada na área periférica do município de Salvador/Ba. Desse modo, o presente relato está embasado no projeto político-pedagógico (PPP) da escola, está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com o Referencial Curricular Municipal Para Os Anos Iniciais Do Ensino Fundamental adotado pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Salvador.

Diante de muitos relatos, por parte de algumas famílias, mas principalmente dos professores que atuavam nessa turma, de que os alunos estavam desmotivados para realizar as atividades propostas nas diversas disciplinas, apresentando um comportamento que levava a dispersão e falta de concentração da maioria dos alunos, o que estava influenciando diretamente nos resultados negativos de aprendizagem apresentados por esta turma até aquele momento. Preocupada com essa situação a Diretora da escola, convocou uma

reunião com os professores que atuavam diretamente com a turma e com a Coordenação Pedagógica. Nessa reunião foram relatados todos os eventos mais significativos que estavam ocorrendo no cotidiano interno e externo dessa sala especifica. Após ouvir atenciosamente a todos e anotado as preposições que considerava mais importante a Diretora convidou aos presentes a fazem uma observação mais detalhada da turma e agendou uma nova reunião para 15 dias depois.

Nesta segunda reunião novos relatos foram apresentados. A Diretora, que também havia feito observações, lembra aos colegas que essa turma teve seu início no Ensino Fundamental no ano de 2021, ano em que vivenciávamos a Pandemia do COVID-19, ano esse que as aulas aconteciam de maneira remota e que ainda no ano seguinte, 2022, ainda passávamos por uma instabilidade muito grande, e que as aulas ainda não estavam acontecendo de forma completamente presencial, foi só no ano de 2023 que esses estudantes voltaram a ter uma rotina escolar completamente presencial, no entanto esse retorno aconteceu sob circunstâncias ainda delicadas, principalmente no que diz respeito ao aspecto emocional de todos de uma forma geral, mas principalmente com as crianças, que por conta da condição de ainda estrem em desenvolvimento, tiveram maior dificuldade de processar as emoções vividas nesse período de extrema vulnerabilidade para a Humanidade. Por isso propôs ao grupo que fosse iniciado um trabalho voltado as emoções, para poder ajudar de forma significativa esses alunos.

Por se tratar de uma intervenção muito delicada e por isso, precisava ser feito com cuidado e competência, se iniciou uma série de seminários, para que os envolvidos no processo pudessem estudar e compartilhar seus conhecimentos acerca das emoções, para que se sentissem seguros para o desenvolvimento das atividades com os estudantes. As atividades foram planejadas e replanejadas à medida que os professores aprofundaram seus estudos no decorrer do primeiro semestre e só foram desenvolvidas na turma no início do

segundo semestre.

Por se tratar de uma situação desafiadora e nova para todas as partes envolvidas, colocaram como meta que a prioridade fosse o trabalho com a emoção e a afetividade com os alunos, no sentido de valorizar os sentimentos relatados por eles, identificando os tipos de sentimentos, para que assim pudéssemos contribuir de maneira eficaz para o desenvolvimento integral deles.

Compreendendo que o papel das emoções nas aprendizagens e nos relacionamentos dentro da escola, exige que se pense em educar as emoções e em fazer com que os alunos se tornem aptos a lidar com suas frustações, que aprendam a negociar com os outros, a reconhecer as próprias angústias e medos. Trabalhar com sentimentos é possibilitar sua manifestação, favorecer uma tomada de consciência de si mesmo, de suas intolerâncias, alegrias, mágoas, desejos etc., buscando identificá-los e ter a possibilidade de aprender a lidar com eles.

Inicialmente foram proporcionados momentos de roda de conversa em que os professores fizeram apontamentos dos sentimentos e emoções que sentimos, incentivando as crianças a falarem a respeito de emoções, sentimentos e maneiras de agir em determinadas situações. Alguns alunos se manifestaram relatando que na época da Pandemia, sentiam muita falta da escola, dos colegas, das interações com pares da mesma turma e de outras faixas etárias, de brincar na rua, sentiam a ausência de socializar e de trocar experiências. As interações são fundamentadas nos princípios e valores e em vivências que oportunizam o protagonismo infantil na construção da identidade, nas relações de respeito consigo, com outro e a com a natureza.

Nas diversas atividades desenvolvidas, as crianças são incentivadas a reconhecer, a identificar e a expressar suas emoções por meio de propostas de aprendizagem que primam

por vivências, histórias e jogos digitais, entre outros, elaborados pela professora, tudo com intencionalidade pedagógica, visando ao desenvolvimento integral. Essas vivências favorecem o processo de autoconhecimento e possibilitam a validação das emoções, o acolhimento dos sentimentos e a construção da identidade. A criança é protagonista em todos os contextos; ela não só interage como cria e modifica a cultura e a sociedade. Na concepção de Wallon, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para poder estimular melhor seu crescimento individual.

No âmbito dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um é constante, dá-se o tempo todo, na sala, no pátio ou nos passeios, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Conforme Krueger (2013), a escola, por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem se oferecer as condições necessárias para que ela se sinta segura e protegida. Portanto, não restam dúvidas de que se torna imprescindível a presença de um educador que tenha consciência de sua importância não apenas como mero reprodutor da realidade vigente, mas sim como agente transformador com uma visão socio crítica da realidade.

Nesse sentido, Antunes (2008) afirma que o professor muitas vezes é quem melhor pode ajudar o aluno a desenvolver e descobrir qualidades e talentos e surpreender-se com as revelações, com a responsabilidade, com a disciplina e a felicidade. A disciplina aumenta a autoestima do aluno e, quanto maior for a autoestima do aluno, mais se tornará disciplinado, nutrindo assim esse ciclo de disciplina e autoestima. A escola tem papel fundamental no desenvolvimento socioafetivo da criança, estabelecendo a relação com o outro para o desenvolvimento da aprendizagem afirma Almeida (2005, p. 106): “A escola, tanto quanto a

família, tem seu papel no desenvolvimento infantil, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem um importante papel na personalidade da criança".

O processo ainda está em andamento, mas podemos observar que até agora, as atividades propostas vêm sendo exitosas e significativas para o educando, levando ao processo de aprendizagem por meio de trocas de experiências. O professor também se beneficiado com todo processo e tem entendido através dos estudos e das avaliações de suas respectivas práticas, que seu papel é ser o mediador do conhecimento e que o aluno é o protagonista do seu próprio conhecimento. Pelos registros, pudemos também observar o quanto eles vêm crescendo de forma cognitiva, pessoal, física e emocionalmente com esses momentos. Se aprendem a escolher a emoção no momento e de maneira adequada, tornam-se sujeitos capazes de viver a vida em plenitude.

Ao falar em aprendizagem, deve-se ter em mente o processo de ensino-aprendizagem, já que uma não acontece sem o outro e isso é a forma mais concreta do que se nomeia "interação social", ou seja, não existe ensino-aprendizagem sem as interações, sem as trocas, sem o convívio, o que pode ser mais bem vivenciado, intermediado, levado a cabo pela via da afetividade e a compreensão das suas implicações no processo. Assim, a instituição escolar cria oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. Os estudantes precisam ser capazes de aprender a agir, progressivamente, com autonomia emocional, respeitando e expressando sentimentos e emoções; atuar em grupo de maneira funcional e se mostrar aptos a construir novas relações, com respeito à diversidade e se mostrando solidários ao outro; saber quais são e acatar as regras de convívio social. As crianças que aprendem essas competências socioemocionais vão crescer tendo consciência de quem são, dos pontos fortes

que têm para contribuir com a sociedade e de como podem trabalhar para desenvolver essas áreas.

6. Considerações Finais

Diante da complexidade e da diversidade de abordagens sobre as emoções, torna-se evidente que esse fenômeno não pode ser reduzido a uma única perspectiva teórica. As emoções desempenham um papel central na experiência humana, influenciando processos cognitivos, interações sociais e a própria estruturação da subjetividade. Enquanto as abordagens psicológicas e neurocientíficas elucidam os mecanismos subjacentes à experiência emocional, as perspectivas filosóficas e socioculturais ampliam a compreensão sobre a construção e expressão das emoções em diferentes contextos.

A inter-relação entre emoção e cognição, conforme discutida ao longo do texto, reforça a necessidade de repensar práticas educacionais, sociais e tecnológicas que reconheçam a centralidade das emoções na aprendizagem, na tomada de decisões e no comportamento humano. A era digital impõe novos desafios e possibilidades, exigindo um olhar crítico sobre o impacto das tecnologias na regulação emocional e na forma como os indivíduos experienciam e expressam sentimentos. O avanço da inteligência artificial, por exemplo, desafia noções tradicionais de emoção e levanta questões éticas sobre a autenticidade das respostas emocionais em sistemas computacionais.

Diante desse panorama, torna-se eficaz aprofundar pesquisas interdisciplinares que integrem diferentes campos do conhecimento para um entendimento mais abrangente das emoções. Uma teoria unificada das emoções, baseada em evidências científicas e em reflexões filosóficas e culturais, poderia oferecer subsídios para aplicações práticas em diversas áreas, desde a educação até o desenvolvimento de novas tecnologias. Assim, ao reconhecer a complexidade das emoções e sua influência em múltiplos aspectos da vida,

amplia-se não apenas o conhecimento acadêmico, mas também as possibilidades de promover sociedades mais empáticas, equilibradas e humanizadas.

Além disso, a compreensão aprofundada das emoções tem implicações significativas para o desenvolvimento de políticas educacionais e sociais que valorizem a dimensão emocional no processo de aprendizagem e no bem-estar dos indivíduos. No contexto educacional, por exemplo, a promoção da inteligência emocional e de estratégias pedagógicas que considerem o impacto das emoções na atenção, na memória e na motivação podem contribuir para um ambiente mais inclusivo e estimulante. A adoção de metodologias ativas e de práticas que favoreçam o desenvolvimento socioemocional dos estudantes demonstra-se uma abordagem promissora para potencializar o aprendizado e preparar os alunos para os desafios contemporâneos.

No âmbito social, a valorização das emoções na tomada de decisões pode fomentar relações interpessoais mais saudáveis e a construção de comunidades mais empáticas. A interseção entre emoções e tecnologia, por sua vez, abre novas fronteiras para a análise do comportamento humano, mas também exige um debate ético sobre os limites da manipulação emocional em ambientes digitais. O impacto das redes sociais e da inteligência artificial na regulação emocional e na saúde mental demanda uma reflexão contínua sobre o equilíbrio entre inovação e bem-estar social.

Nesse sentido, pesquisas futuras podem aprofundar o entendimento sobre a interdependência entre emoção e cognição, especialmente no que tange à influência das emoções em contextos de alta complexidade, como a tomada de decisões em ambientes de incerteza, o impacto da tecnologia na experiência emocional e o papel das emoções na formação da identidade e do senso de pertencimento.

Deste modo, as emoções transcendem uma perspectiva meramente subjetiva, configurando-se como elementos estruturantes do comportamento humano e da organização

social. A compreensão multidisciplinar desse fenômeno não apenas enriquece o conhecimento teórico, mas também fornece ferramentas práticas para a construção de uma sociedade mais equilibrada, reflexiva e emocionalmente inteligente.

7. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção na sala de aula. Papirus Editora, 2022.

BORGES, Maria de Lourdes. Razão e emoção em Kant. 2012.

COSENZA, Ramon, and Leonor Guerra. Neurociência e educação. Artmed Editora, 2009.

COSTA, Raquel Lima Silva. Neurociência e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação, v. 28, p. e280010, 2023.

DAMÁSIO, A. (1994). O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras.

DAMÁSIO, António. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. Editora Companhia das Letras, 2012.

FREDRICKSON, Barbara L. The role of positive emotions in positive psychology: The broaden-and-build theory of positive emotions. American psychologist, v. 56, n. 3, p. 218, 2001.

GALVÃO, Isabel. Expressividade e emoção: ampliando o olhar sobre as interações sociais. Revista Paulista de Educação Física, p. 15-31, 2001.

KANDEL, Eric et al. Princípios de neurociências-5. AMGH Editora, 2014.

LUNDY-EKMAN, Laurie. Neurociência fundamentos para reabilitação. Elsevier Brasil, 2011.

PEKRUN, Reinhard. The control-value theory of achievement emotions:

Assumptions, corollaries, and implications for educational research and practice. Educational psychology review, v. 18, p. 315-341, 2006.

PIAGET, Jean. Science of education and the psychology of the child. Trans. D. Coltman. 1970.

RELVAS, Marta Pires. Neurociência na prática pedagógica. Digitaliza Conteudo, 2023.

VYGOTSKY, Lev S. Mind in society: The development of higher psychological processes. Harvard university press, 1978.